



Nilo Belotto/UP

# Frutos da terra

Pós-graduandos trabalham na estufa do laboratório de genética da Esalq, um dos maiores centros de pesquisa em agricultura do país

## CULTIVO NA CIDADE

A horta Fusatto, localizada no bairro Nova Piracicaba, existe há mais de 70 anos e é fonte de renda para Sílvia Regina Lopes Fusatto, 42, e sua família.

Nora de Virgílio Fusatto, que começou com o negócio no bairro Santa Teresinha, ela trabalha há 15 anos na horta e conta que é responsável por todas as etapas de produção e pela comercialização. "Eu tomo conta de tudo aqui. Mas a nossa família tem um sítio, onde outro homem ajuda a administrar", contou.

Sílvia diz que se sente muito bem trabalhando com agricultura. "É tranquilo trabalhar aqui. É algo que você vê crescer". Ela disse que tem fregueses fiéis, e que planeja, com outras 20 famílias formar uma cooperativa, onde a contribuição compartilhada irá permitir a compra de caminhões, caixas e outras ferramentas necessárias para o desenvolvimento da produção.

## PREÇO DA TERRA

Piracicaba ocupa a 12ª posição no ranking do preço de terras do Estado de São Paulo, de acor-

do com estudo divulgado pelo IEA (Instituto de Economia Agrícola), que lista o preço de mercado de terras agrícolas em 32 regiões do estado. O preço médio da terra de cultura de primeira, a melhor para o plantio, é de R\$ 18.520 por hectare.

A pesquisa é realizada duas vezes por ano e o valor acima foi apurado na coleta de dados divulgada em junho. Em comparação com o mesmo mês de 2010, o valor médio recuou. Naquele ano, o hectare era comercializado ao preço médio de R\$ 19.407.

A terra de primeira é a mais valorizada do mercado por reunir boas condições de cultivo. A classificação do solo para agricultura e pastagem é feita de acordo com o fator de resposta, ou seja, qual o retorno possível do investimento feito naquele terreno.

Vários critérios interferem no valor da terra: tamanho da propriedade, proximidade a centros urbanos, topografia, qualidade de solo, estradas de acesso, benfeitorias e presença de mata nativa e água ajudam a aumentar o preço. Em Piracicaba, o preço máximo apontado pelo IEA foi de R\$ 28.926 e o mínimo ficou em R\$ 12.397.

Para chegar aos sítios, chácaras e fazendas, o município é cortado por 2,6 mil quilômetros de estradas rurais.

A área rural ocupa 83,3% do território piracicabano. A cultura predominante é a cana de açúcar, mas também ainda existem agricultores familiares que encontraram novas formas de comercializar a produção

Solange Strozzi  
solange@ipjornal.com.br

Piracicaba tem importantes facilidades e um dos maiores centros de pesquisa em agricultura do país, na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). Mas a vocação rural não fica apenas restrita aos muros da universidade. A área total do município é de 137.691 hectares (1.376,91 quilômetros quadrados). Desse total, 22.966 hectares (ou 229,6 quilômetros quadrados) são de área urbana, que corresponde a 16,7% do total. O restante, 83,3% da área (114.725 hectares) estão na área rural.

O município, que tem a cana de açúcar como principal cultura, tem 100.000 hectares de área cultivável. Os números são do Iplap (Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba). Estradas rurais, edificações rurais, prédios públicos, áreas construídas, pontes, passarelas, APPs (Áreas de Proteção Permanente) e áreas de reserva legal.

São cerca de 2,4 milhões rurais, com propriedades que variam de 0,2 a 1.980 hectares, de acordo com dados do Lupa (Levantamento de Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São), da Cati (Coordenação de Assistência Técnica Integral).

De acordo com o último Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizado em 2010, o município tem 364.571 habitantes, dos quais 7.828 estão na área

rural. Os dados do Iplap mostram que o êxodo rural é um processo contínuo e que, cada vez mais, quem vive do campo tem que superar desafios para continuar garantindo a produção de alimentos.

Em 1980, quando Piracicaba tinha 210.568 habitantes, a população rural representa 7,1% desse total. Trinta anos depois, o percentual de pessoas que vivem no campo caiu para 2,15%.

A cana de açúcar é a principal cultura permanente e ocupa cerca de 50 mil hectares, cerca de 50% da área cultivável. Deste total, 24.300 hectares são cultivados por 957 produtores associados à Cooplicana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo), em 1.270 propriedades. "A cana de açúcar é o cultivo de maior representatividade dentro das atividades agropecuárias do município, sendo de fundamental importância para a economia local e regional, movimentando o setor, representado também pelas usinas e demais indústrias ligadas à cadeia sucroalcooleira", afirmou o secretário de Agricultura e Abastecimento, Waldemar Gimenez, por meio do Centro de Comunicação Social da prefeitura.

Para Gimenez, os agricultores precisam se conscientizar em relação à legislação vigente, incluindo as alterações no Código Florestal e temas como reserva legal e APPs. Além disso, constituem desafios para os produtores a mecanização da colheita de cana, soja e milho; sistematização



Paulão/UP

Sílvia Regina Lopes Fusatto mantém uma horta urbana

das áreas cultivadas para possibilitar colheita mecanizada e mudança dos hábitos de trabalho. O futuro do setor também deve passar pela profissionalização do agricultor. As áreas com maior declividade – onde é mais difícil a implantação da colheita mecanizada – devem receber culturas de hortaliças e frutas ou serão aproveitadas pelos pecuaristas.

Como incentivo para fixação do homem no campo, foi criado o Plano Municipal de Abastecimento. Em 1982 surgiram os varejeiros, que são espaços para que o produtor possa vender os alimentos produzidos diretamente ao consumidor, eliminando a figura do intermediário. Dados da Sema (Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento) apontam que foram criadas 1.100 vagas de trabalho com empregos diretos e indiretos nas áreas de comercialização e produção de alimentos. Atuam nos varejeiros municipais 136 permissionários dos quais 45 são pequenos produtores rurais. Em 2001, eram comercializadas nos varejeiros 5.583,34 toneladas de alimentos por ano. Ano passado, foram vendidas 12.069 toneladas. Este ano, a média de comercialização semanal é de 250 toneladas.



Arquivo/M.Germans/UP

Produtos comercializados por agricultores familiares são vendidos em varejeiros